

## ARTIGO

Mais fontes de informação especializada em africanidades  
subsídios para novas e radicais epistemologiasWellington Marçal de Carvalho<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-8881-6850>Angerlânia Rezende<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-8284-6071>Gracielle Mendonça Rodrigues Gomes<sup>3</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-1649-3722><sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil / e-mail: [marcalwellington@yahoo.com.br](mailto:marcalwellington@yahoo.com.br)<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, PB, Brasil / e-mail: [lanny.rezende3@gmail.com](mailto:lanny.rezende3@gmail.com)<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil / e-mail: [graciellemendonca@yahoo.com.br](mailto:graciellemendonca@yahoo.com.br)

## RESUMO

**Introdução:** As fontes de informação especializada são artefatos construídos por seres humanos que agenciam uma série de elementos informacionais sobre determinado recorte / especialidade da existência cotidiana. Esses artefatos se prestam a sanar uma demanda informacional específica e, não obrigatoriamente, podem apontar novos caminhos em virtude do que resultar o ato de compulsar esses mecanismos. **Objetivo:** Apresentar novo conjunto de fontes de informação especializada em africanidades almejando contribuir para ampliar o conhecimento sobre a existência dessas fontes através da reunião de informações essenciais sobre cada uma delas, mediante parâmetros biblioteconômicos. **Método:** Os procedimentos metodológicos adotados foram: a) contato com pesquisadores do campo das africanidades; b) identificação de textos teóricos para delimitação do conceito africanidades; c) verificação da disponibilidade de acesso às fontes; d) recolha de informações para descrição das fontes de informação selecionadas; e) agrupamento, quando possível, das fontes por área temática; e f) consolidação dos resultados em forma de guia de fontes. **Resultados:** Foram identificadas, reunidas e descritas 23 fontes de informação, distribuídas em cinco categorias. **Conclusão:** Acredita-se que o rol de artefatos informacionais apresentado funciona como um estratégico guia a subsidiar o fortalecimento de epistemologias novas e radicais, fundamentadas em preceitos éticos e acolhedores dos saberes erigidos, prioritariamente, em espaços contra-hegemônicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fontes de informação especializada - África. Guia de fontes de informação - africanidades. Ciência da Informação.

More sources of specialized africanity information  
subsides for new and radical epistemologies

## ABSTRACT

**Introduction:** Specialized information sources are artifacts constructed by human beings that organize a series of informational elements about a particular cutout/specialty of everyday existence. These artifacts serve to solve a specific informational demand and, not necessarily, can point out new paths as a result of the act of enforcing these mechanisms. **Objective:** To present a new set of specialized information sources on Africanities, aiming to contribute to increasing knowledge about the existence of these sources by gathering essential information about each one of them, through librarianship parameters. **Method:** The methodological procedures adopted were: a) contact with researchers in the field of Africanities; b) identification of theoretical texts to delimit the concept of

Africanities; c) verification of availability of access to sources; d) collection of information to describe the selected information sources; e) grouping, when possible, of sources by subject area; and f) consolidation of results in the form of a source guide. **Results:** 23 sources of information were identified, gathered and described, distributed into five categories. **Conclusion:** It is believed that the list of informational artifacts presented works as a strategic guide to support the strengthening of new and radical epistemologies, based on ethical and welcoming precepts of knowledge erected primarily in counter-hegemonic spaces.

**KEYWORDS:** Expert information sources - Africa. Guide to information sources - Africanities. Information Science.



JITA: HP. e-resources.

## 1 INTRODUÇÃO

[...] “*não proclamaríamos a Africanidade se ela não tivesse sido negada ou degradada...*”  
Archie Mafeje, antropólogo e cientista social sul-africano (2000)

Em agosto de 2019 foi publicado no periódico *PontodeAcesso*, do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), especificamente no volume 13, número 2, artigo que comunicava os resultados de extensa pesquisa realizada, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o objetivo de identificar fontes de informação especializada em africanidades.<sup>1</sup>

Naquela ocasião foram retomados teóricos brasileiros referência para o entendimento do conceito de fontes de informação, tais como Paulo da Terra Caldeira (2008), Beatriz Valadares Cendón (2003) e Murilo Bastos da Cunha (2010), dentre outros, que forneceram substrato para a proposição do que nomeamos de fontes de informação especializada. Ancorados em parte das reflexões daqueles teóricos, chegamos à seguinte delimitação conceitual:

as fontes de informação especializada são artefatos construídos por seres humanos que agenciam uma série de elementos informacionais sobre determinado recorte / especialidade da existência cotidiana. Esses artefatos se prestam, pelo menos para isso é que foram concebidos, a sanar uma demanda informacional específica e, não obrigatoriamente, podem apontar novos caminhos em virtude do que resultar o ato de compulsar esses mecanismos. (CARVALHO; REZENDE; GOMES, 2019, p. 175).

Essa conceitualização foi pensada com a intenção de ampliar, o quanto possível, a incorporação de artefatos de quaisquer naturezas, desde que os mesmos tivessem a sua reunião em coleções, na perspectiva biblioteconômica, fomentados por uma temática, as africanidades. Tão necessário quanto bem delinear o que se entendia por fontes de informação especializada, era o fato de demarcar, com maior precisão, o que a noção de africanidades pretendia significar. Para esse fim foram revisitadas, ainda no artigo já mencionado, informações compartilhadas pela Professora Dra. Maria Nazareth Soares Fonseca, estudiosa brasileira das literaturas africanas de língua portuguesa, bem como dos pesquisadores Valéria Aparecida Algarve (2004) e Paulo César Antonini de Souza (2010), que permitiram alinhar a seguinte explicação:

A expressão “africanidades” reportaria “ao modo de ser, de viver, [...] às marcas da cultura africana que [...] fazem parte de seu dia-a-dia” (SILVA, 2003, p. 26 citado por SOUZA, 2010, p. 149-150). O termo quer traduzir a multiplicidade cultural do continente africano e enfatizar a existência de culturas diferentes e não de uma cultura única. O conceito “tem uma dimensão cultural de produção de conhecimento e, por isso mesmo, política. [...] As africanidades tomam como base a cultura e a história dos povos africanos e seus descendentes” (ALGARVE, 2004, p. 46, 48) e, poderia ser acrescentado, os múltiplos desdobramentos dessas manifestações na produção de conhecimento em todas as áreas do saber. (CARVALHO; REZENDE; GOMES, 2019, p. 178).

A continuidade do movimento de pesquisa empreendido nos levou até as reflexões produzidas pela escritora nigeriana-britânica, feminista e acadêmica Amina Mama, professora de Estudos Étnicos, desde 2008, do Mills College, em Oakland, Califórnia, Estados Unidos. Em capítulo intitulado “Será ético estudar a África?: considerações preliminares sobre pesquisa

<sup>1</sup> O artigo intitulado “Fontes de informação especializada em africanidades” pode ser consultado no endereço <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30464>.

acadêmica e liberdade”, que integra a obra *Epistemologias do Sul*, organizada por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses, Mama, ao problematizar os desafios de se compreender processos identitários, apresenta interessante elaboração refinada do conceito de africanidades, pelas lentes dos africanos. De acordo com Amina Mama:

Hoje os africanos entendem a ‘africanidade’ como algo que é múltiplo, fluido, histórica e institucionalmente construído de acordo com as diversas dimensões da diferença, e constantemente contestado e redefinido em resultado dos processos e lutas sociais. Vêm-se como sendo o produto, simultaneamente, de divisões culturais e dinâmicas ‘internas’ (relacionadas com a diferença sexual, a sexualidade, a classe, a etnicidade, a religião etc.) e de influências ‘externas’ originárias de um espaço cultural global que, não obstante a forma problemática como constrói os africanos, lhes garantiu uma história cosmopolita. (MAMA, 2010, p. 622.623).

De igual modo pensamos ser interessante revisitar trechos do artigo publicado em 2000 pelo antropólogo e cientista social sul-africano, Archie Mafeje, inspirado na obra *Out of one, many Africas*, de 1999, editada por William Martin e Michael West, em que pode ser cotejado o sentido abarcado pelo conceito aqui perseguido, como pode ser visto adiante:

[...] a Africanidade tem força emotiva. Suas conotações são ontológicas e, portanto, exclusivistas [...]. Africanidade desenvolveu-se em algo maior do que um simples estado social e espiritual de ser. Tornou-se uma ontologia penetrante que confunde tempo e espaço. Em vez de se limitar a africanos continentais, estende-se a todos os descendentes de africanos na diáspora, especialmente os afroamericanos. [...] seu projeto intelectual é muito mais amplo. Entre outras coisas, busca angariar respeitabilidade e reconhecimento para africanos estabelecendo a verdadeira identidade do africano histórico e cultural. [...] refere-se ao que se considera ser a essência da África, por oposição às imagens distorcidas impostas ao continente por outros (ou seja, europeus e americanos). O ponto de referência é a história e a cultura subjacentes das sociedades africanas contemporâneas. Espera-se que um entendimento genuíno desse patrimônio permita a intelectuais africanos desenvolver teorias e paradigmas que auxiliem os africanos em geral a combater a dominação estrangeira e forjar uma identidade panafricana independente. Em outras palavras, a ênfase na Africanidade é a luta por uma segunda independência da África ou uma renascença africana, e tem mais a ver com o metanacionalismo africano do que com raça ou cor da pele. [...] Africanidade é a afirmação de uma identidade que foi negada; é uma repulsa panafricanista à imposição externa ou a recusa à ditadura dos outros. Nesse sentido, é um reflexo político e ideológico dedicado a inaugurar uma renascença africana. (MAFEJE, 2008, p. 318, 319, 320).

Muito embora as elaborações anteriormente apresentadas provavelmente não esgotem a discussão em torno do conceito, consideramos primordial a contribuição que esse conjunto de pensadores, de diferentes áreas e espaços do mundo, oferece para enfrentar a complexidade inerente ao campo de significação que o termo “africanidade” carrega. Tal desafio já havia sido apontado por Henning Melber, cientista político germano-namibiano:

To no surprise, the issues of [...] “Africanity” provoke a wide range of views and convictions. [...] The notion and concept of “Africanity” brings us back to the early days of Pan-Africanism and *Negritude*, as well as “Afrocentris”, and the criticism of such concepts and ideologies from both within and outside the continent. (MELBER, 2001, p. 6).

Resta constatado, ainda, ao retomar a perspectiva de Souleymane Bachir Diagne que, de fato, a noção de africanidade é uma questão em aberto. Nos termos de Diagne, filósofo senegalês:

[...] under the title “Conversation: Race and Identity in Africa”, [no *CODESRIA BULLETIN*] Archie Mafeje’s “Africanity: a Combative Ontology” appears to be the perfect counterpoint to Mbembe’s text. Thus, on the one hand, Africanity is thought of as *substance* by Archie Mafeje, who uses the philosophical category of *ontology* to define it, while, on the other hand, Achille Mbembe’s contention is to de-substantialise it, to say that Africanity is not a pre-constituted self expressed afterwards in writing, but rather is continuously created through the very process of writing. To use an analogy (which is not an identification) with *Negritude* and *Creoleness*, this opposition is reproduced in different terms. And in this debate, the issue of language is known to be central. [...] The notion of Africanity as performed (after the notion of its creation through the poetical experience of language) appears as characteristic of Ngugi wa Thiongo’s positions on what authentic self-writing means. Ngugi would agree with Sartre on two essential points. First he would applaud what Sartre says about Irish nationalism and would draw the conclusion that to be Kikuyu is to think Kikuyu, and that means, above all, to think in Kikuyu. Second, in some ways and on his own terms, he agrees also that identity is less a datum, some preconstituted self, than a dynamic construction. His decision not to write any more fiction except in his own “mother” tongue, Kikuyu, is an effect of his discovering the fact that the literary act is also the construction of a moving identity. (DIAGNE, 2001, p. 19, 22, destaques no original).

Como se vê na amostragem acima apresentada, ao se pensar a categoria conceitual “africanidades” opera-se em uma dimensão notadamente política, afrocentrada. Deve-se atentar para o caráter dinâmico da noção resultante de sua permanente multiplicidade, fluidez e acoplamento a intensos embates sociais que se desdobrarão em projeto/programa reflexivo de largo espectro. Nesse sentido, no presente trabalho postula-se a relevância do quadro de profissionais da informação, principalmente bibliotecários, em conhecerem artefatos informacionais sobre africanidades à medida que a familiaridade com essas ferramentas os permitirá o alinhamento, no campo da produção científica, ao conhecimento que subsidie o renascimento africano e, ao mesmo tempo, um combate à dominação epistemológica.<sup>2</sup>

Essas incursões são de muita valia para o trabalho de busca, identificação e descrição de fontes de informação especializada na temática e, como esse é um ramo da ciência biblioteconômica, não há como não pesquisar e refletir, aprofundadamente, a respeito.

Foi com esse cuidado que no artigo publicado no periódico da UFBA analisaram-se, naquela ocasião, 19 fontes, agrupadas por cobertura de área do conhecimento, nas seguintes categorias: informação social e humanidades com 9 fontes (*Africa Resources – Dag Hammarskjold Library*; *Africa-Wide Information*; Portal de Memórias de África e do Oriente; *Slave Voyages – Banco de Dados do Tráfico de Escravos*; Centro de Estudos Africanos – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Coleção História Geral da África –

<sup>2</sup> Ademais, ao travar contato e ganhar familiaridade com tais fontes de informação especializada, acredita-se ser possível agregar ao escopo de atuação de bibliotecários, em sua atividade de mediação, uma faceta negritudinista que muito poderá contribuir para alterar o olhar da sociedade em geral e de parte da academia, em particular, sobre os povos do continente africano. Essa nuance na postura profissional é um ato político e configura uma tomada de partido negritudinista, nos termos do martiniquense Aimé Césaire. Para esse teórico, a Negritude: “Resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar; despertar de dignidade. Ela é uma rejeição, rejeição da opressão. Ela é uma luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela é também revolta. [...] contra aquilo que eu chamava de reducionismo europeu.” (CÉSAIRE, 2010, p. 109-110).

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO); *African Online Journals* (AJOL); *African American Biographical Database* (AABD); *African Education Research Database*); finanças, estatística e indicadores econômicos com 4 fontes (*African Business Guide – Library of Congress*; *DataBank Africa - The World Bank*; *Council for Scientific and Industrial Research* (CSIR); *Index to South African Periodicals* (Sabinet)); desenvolvimento ambiental sustentável com 5 fontes (*The Nordic Africa Institute*; *The Essential Electronic Agriculture Library* (TEEAL); *The Mediterranean Ammophiletea Database*; *African Plant Database*; *The Northern African Natural Products Database* (NANPDB)) e, por fim, saúde com 1 fonte (*African Index Medicus Database* (AIM)).

A despeito de ter sido um resultado bem razoável, nos incomodava o fato de apenas 4 fontes, do conjunto de 19 analisadas, serem de responsabilidade de países africanos, especificamente África do Sul e Congo. Assim, desde meados de 2019, decidimos continuar a pesquisa em busca de mais fontes, com reforçado empenho para identificar aquelas gestadas e mantidas por massa crítica africana, obviamente não excluindo as que pertencessem a outros espaços do mundo.

Dito isso, o presente artigo objetiva apresentar novo conjunto de fontes de informação especializada em africanidades almejando contribuir para ampliar o conhecimento sobre a existência dessas fontes através da reunião de informações essenciais sobre cada uma delas, mediante parâmetros descritivos biblioteconômicos. Acredita-se que o rol de artefatos informacionais que será apresentado pode funcionar como um estratégico guia a subsidiar o fortalecimento de epistemologias novas e do tipo radical, fundamentadas em preceitos éticos e acolhedores dos saberes erigidos, prioritariamente, em espaços contra-hegemônicos (MAMA, 2010, p. 633).

### 1.1 Repercussão do artigo da PontodeAcesso na academia e além

| 6

Parece-nos bem providencial relatar, ainda que brevemente, a boa acolhida que o artigo publicado no periódico da UFBA angariou, tanto na esfera da Biblioteconomia e Ciência da Informação, como também extramuros dessa comunidade de prática. Salvo melhor juízo, essa reverberação, notadamente para outro público que não o dos profissionais e pesquisadores da área de formação e desenvolvimento de acervos reforça a urgência de fazer do movimento de pesquisa e descrição dessas fontes uma ação perene<sup>3</sup>.

O artigo, tão logo foi publicado, motivou a procura de parte da equipe do *site* Biblio Cultura Informacional para entrevista com os autores. A matéria resultante, intitulada “Conheça dezenove fontes de informação seguras sobre África e africanidades” foi publicada em 27 de janeiro de 2020 e, conforme verificação realizada em fevereiro de 2021, já foi visualizada mais de 3.800 vezes e alcançou 94 compartilhamentos em redes sociais.<sup>4</sup> Essa reportagem foi reproduzida no *blog* do Conselho Regional de Biblioteconomia da 8ª Região (jurisdição Estado de São Paulo) e, também, nos perfis do *Instagram* do “Biblioteconomia para Concurseiros”, da “Estante Bibliotecária” e de Ana Patrícia responsável pelo “Estratégia Concurso Biblioteconomia”.

<sup>3</sup> O caráter pouco usual trabalhado nesta pesquisa ensejou o convite a um dos autores para integrar a programação científica do XXI Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, previsto para acontecer em dezembro de 2021, em “roda de conversa” no eixo temático “Inovação” com o título “A biblioteca universitária e as africanidades: reflexões sobre fontes de informação não-hegemônicas”. O XXI SNBU é presidido pela bibliotecária diretora do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás, Maria de Souza Lima Santos e disponibiliza todas as informações sobre o evento no endereço eletrônico [www.snbu2020.com.br](http://www.snbu2020.com.br).

<sup>4</sup> A reportagem que foi produzida pela equipe desse importante veículo pode ser acessada em <https://biblio.info/conheca-dezenove-fontes-de-informacao-seguras-sobre-africa-e-africanidades/>.

Houve menção do artigo, também, no *site* mantido pelo bibliotecário professor Pedro Andretta, do Departamento de Ciência da Informação / Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia (DEPCI/UNIR), em postagem datada de 21 de novembro de 2019, dentro do projeto de curadoria de conteúdo “Informe-CI”, cujo objetivo é informar profissionais da informação e estudantes sobre temas relacionados ao campo da Ciência da Informação.<sup>5</sup>

Identificamos rebatimento também nos seguintes veículos: perfil no *FaceBook* do “Quilombo Intelectual”, que compartilha informações científicas sobre temas da população negra, LGBTQI+, indígenas e direitos humanos, de responsabilidade da bibliotecária e doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da UFMG, a brasileira Franciéle Carneiro Garcês da Silva<sup>6</sup>; no perfil no *FaceBook* da “Comissão Pró-Índio de São Paulo”, uma organização não-governamental, com mais de 30 anos de existência, que luta para garantir direitos territoriais, culturais e políticos a índios e quilombolas<sup>7</sup>; no perfil no *FaceBook* do “Papo de Preta Saúde e bem estar da mulher negra”, um canal criado para falar sobre temas de interesse a mulheres negras<sup>8</sup>; no perfil no *Twitter* do “Combate Racismo”, coletivo que luta para redução das injustiças socioambientais dirigidas a grupos étnicos e comunidades vulnerabilizadas por conta de sua raça, origem ou cor<sup>9</sup>.

Alguns portais, *sites* e *blogs* também noticiaram ou repercutiram o trabalho, como por exemplo: o “Notícia Preta”, cuja missão é reportar notícias através de uma perspectiva antirracista e não-violenta da informação, após entrevista com os autores veiculou, em 02 de fevereiro de 2020, matéria intitulada “Pesquisadores brasileiros fornecem acervo com dezenove fontes de informação seguras sobre África e africanidades”<sup>10</sup>; o “Geledés”, espaço em que se celebra contribuições “de africanos/as, negros/as e/ou afrodescendentes, nas mais variadas modalidades de expressões culturais” (OLIVEIRA, 2021), por seu turno, replicou a reportagem do *site* Biblio Cultural Informacional e recebeu, entre os comentários ao pé da matéria, o da Professora Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva<sup>11</sup>; o portal “Outras Palavras”, que procura resgatar e reinventar o jornalismo também reproduziu a matéria do Biblio<sup>12</sup>; o mesmo foi feito pelo portal de notícias “Ao Corrente”<sup>13</sup> e pelo *site* do “Projeto Saúde Pop Rua”. Por fim, o *blog* “Navegações nas fronteiras do pensamento”, de responsabilidade do Professor Dr. José de Sousa Miguel Lopes, moçambicano vinculado ao mestrado em Educação da Universidade do

| 7

<sup>5</sup> De acordo com o professor e pesquisador brasileiro Andretta (2020) “o Informe-CI é uma iniciativa de integração de plataformas digitais e redes sociais para a mediação da informação, sob a forma da curadoria de conteúdo, em prol da (in)formação dos bibliotecários e também de arquivistas e museólogos. Esse projeto busca levar novos conhecimentos e experiências aos profissionais da informação, por meio da divulgação selecionada de informes diários para mantê-los bem informados sobre as notícias, matérias e publicações atuais relacionadas à Ciência da Informação, com abrangência nacional e internacional. Nessa expectativa, o próprio nome: “Informe-CI”, vale dizer, brinca com o sentido e sons de “Informe-se” e ao mesmo tempo, com a ideia de comunicação “Informe” e a sigla da Ciência da Informação.” Acesso pelo endereço [https://www.pedroandretta.info/index/?page\\_id=3585](https://www.pedroandretta.info/index/?page_id=3585).

<sup>6</sup> Acesso pelo endereço <https://www.facebook.com/quilombointelectual/about>.

<sup>7</sup> Acesso pelo endereço <https://www.facebook.com/cpisp/>.

<sup>8</sup> Acesso pelo endereço <https://www.facebook.com/canalpapodepreta/>.

<sup>9</sup> Acesso pelo endereço <https://twitter.com/combateracismo>.

<sup>10</sup> Acesso ao texto completo da reportagem produzida pela equipe do Notícia Preta pode ser obtido em <https://noticiapreta.com.br/pesquisadores-brasileiros-fornecem-acervo-com-dezenove-fontes-de-informacao-seguras-sobre-africa-e-africanidades/>.

<sup>11</sup> Acesso ao texto completo da reportagem e comentários pode ser obtido em <https://www.geledes.org.br/conheca-dezenove-fontes-de-informacao-seguras-sobre-africa-e-africanidades/>.

<sup>12</sup> Acesso pelo endereço <https://outraspalavras.net/outrasmidias/guia-para-aprender-e-pesquisar-africanidades/>.

<sup>13</sup> Acesso pelo endereço <https://aocorrente.com/31/01/2020/guia-para-aprender-e-pesquisar-africanidades/>.

Estado de Minas Gerais, cujo veículo pretende estabelecer diálogos e enfrentamentos ao lugar comum, também realizou apontamentos sobre o artigo<sup>14</sup>.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 Estratégia para busca, coleta e tratamento dos dados

O percurso adotado para busca e coleta de dados perpassou as seguintes etapas: a) contato com pesquisadores do campo das africanidades de diferentes partes do mundo que fizeram indicações de artefatos que posteriormente foram enquadrados enquanto fontes de informação especializada, no presente trabalho; b) identificação de possíveis fontes através de leitura de textos teóricos de africanistas, independentemente do campo acadêmico a que se vinculam. A título de ilustração destacamos o capítulo de autoria da Professora Amina Mana (2010), já citado na parte introdutória do presente trabalho; c) verificação de disponibilidade de acesso às fontes de informação, prioritariamente através da *internet*; d) recolha de informações para preenchimento do conjunto de etiquetas definidas para descrição de cada fonte; e) agrupamento, quando possível, das fontes de informação por área temática principal abrangida; e, por fim, f) consolidação dos resultados em forma de guia de fontes de informação especializada em africanidades.

### 2.2 Critérios para identificação e descrição das fontes de informação

Conforme já explicitado na primeira parte do presente trabalho, o movimento de pesquisa e os resultados que serão apresentados na próxima seção podem ser lidos como um novo esforço para encontrar mais fontes de informação especializada em africanidades, na perspectiva proposta desde a publicação, em 2019, na *PontodeAcesso* da UFBA. O conjunto de fontes dessa última publicação foi obtido em período de pesquisa cujo início se deu em meados de 2019 e se estendeu até fevereiro de 2021. Isso justifica o fato de utilizarmos, mais uma vez, o quadro construído a partir de Cendón (2003), como se vê adiante:

Quadro 1. Critérios para identificação e descrição das fontes de informação

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da fonte de informação	Identificação da fonte, nome da fonte.
2 - Identificação do responsável ou produtor	Dados do responsável; nome e endereço para contato.
3 – Conteúdo	Breve descrição do conteúdo da fonte incluindo seu escopo e cobertura.
4 – Aquisição	Nome e endereço da instituição que disponibiliza a fonte (que pode ou não ser a mesma que o produtor).
5 - Início da produção	Data do início da produção da fonte em forma eletrônica.
6 - Forma de disponibilização	Meio de disponibilização da fonte.
7 - Número de registros	Quantidade de registros na fonte (por exemplos: número de

<sup>14</sup> Acesso pelo endereço

<http://navegacoesnasfronteirasdopensamento.blogspot.com/2020/01/fontes-de-informacao-especializada-em.html>



	registros bibliográficos cadastrados).
8 - Cobertura tópica	Tipo de informação/assunto contida na fonte.
9 - Cobertura geográfica	Local de abrangência.
10 - Tempo de cobertura	Período coberto pelos conteúdos da fonte. Os tipos possíveis são: Data de início e Data de término: indica que a fonte contém documentos datados no intervalo.
11 - Frequência de atualização	Frequência com que os dados da fonte são atualizados.
12 - Serviços relacionados	Serviços fornecidos pela organização produtora a partir da fonte, como por exemplo, informações de outras fontes/bases ou outros tipos de publicação.
13 - Outras observações	Dados complementares sobre a fonte fornecidos pelo produtor ou obtidos na <i>Internet</i> .
14 - Data da coleta de dados	Data em que as informações sobre a fonte foram obtidas.

Fonte: Adaptado de Cendón (2003) e apresentado em Carvalho, Rezende e Gomes (2019, p. 181-182).

### 3 GUIA DE FONTES DE INFORMAÇÃO ESPECIALIZADA EM AFRICANIDADES

As fontes de informação coletadas foram organizadas em cinco categorias denominadas: 1) Fontes de Informação em Estudos Genderizados; 2) Fontes de Informação em Literatura Afro-Brasileira e Epistemologias Negras; 3) Fontes de Informação em Ciências Agrárias; 4) Fontes de Informação em Cultura, História, Memória e Filosofia; e 5) Fontes de Informação em Ciências Sociais.

| 9

#### 3.1 Categoria 01 – Fontes de Informação em Estudos Genderizados

Na categoria 01, foram encontradas 03 fontes contendo informações sobre Estudos Genderizados. São fontes que mostram a luta de mulheres africanas e afro-brasileiras pelos seus direitos e empoderamento dentro da ciência, bem como o desenvolvimento de políticas sociais e o enfrentamento ao machismo e outras formas de violência nessas regiões.

Quadro 2. Centre for Women Studies and Intervention - CWSI

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Centre for Women Studies and Intervention - CWSI
2 - Identificação do responsável	Abigail Moy - presidente
3 – Conteúdo	É uma instituição independente e sem fins lucrativos, dedicada à pesquisa de políticas e à democratização do espaço feminino para os direitos iguais.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:namati@namati.org">namati@namati.org</a>
5 - Início da produção	Não identificado.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://namati.org/">https://namati.org/</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por publicações diversas e um acervo presente na biblioteca. São divulgados os projetos desenvolvidos pela instituição.
8 - Cobertura tópica	Estudos genderizados.
9 - Cobertura geográfica	Nigéria, Moçambique, Quênia, Serra Leoa, Mianmar, Índia e

	Estados Unidos.
10 - Tempo de cobertura	Não identificado.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Biblioteca, publicações históricas das lutas femininas e suas conquistas.
13 - Outras observações	Presente nas mídias sociais como <i>Facebook</i> , <i>Instagram</i> , <i>Twitter</i> e etc. <i>Site</i> em inglês. Apresenta ainda uma preocupação com a causa ambiental e a sustentabilidade. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	10 de fevereiro de 2021

Fonte: Dados da pesquisa.

No *Centre for Women Studies and Intervention – CWSI*, sediado em Abuja, na Nigéria, os trabalhos sociais são realizados em parceria com vários outros países da África como Moçambique, Quênia e Serra Leoa com a finalidade de fomentar o empoderamento feminino.

Quadro 3. Women's & Gender Studies Research Network - WGSRN

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Women's & Gender Studies Research Network - WGSRN
2 - Identificação do responsável	Michael C. Jensen – presidente
3 – Conteúdo	Foco na criação de ferramentas que aprimoram o fluxo de trabalho e a produtividade de pesquisadoras negras femininas.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: 1239 University Ave, Floor 2 Rochester, NY 14607. Office Phone: 212 448 2500. Office Fax: 212 448 2593
5 - Início da produção	1996.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.ssrn.com/index.cfm/en/wgsrn/">https://www.ssrn.com/index.cfm/en/wgsrn/</a>
7 - Número de registros	Possui muitos artigos voltados para a temática da mulher e de gênero, além de livros e outros documentos que formam a biblioteca.
8 - Cobertura tópica	Estudos genderizados.
9 - Cobertura geográfica	Nova York e o continente africano.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 25 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Disponibiliza em sua biblioteca vários outros campos do conhecimento tais como: arqueologia, artes, contabilidade, ciências, sustentabilidade etc.
13 - Outras observações	<i>Site</i> em inglês. A página oferece aos usuários a possibilidade de selecionar os artigos e os organizar na guia "minha biblioteca". Possui o serviço de busca avançada e apresenta os 10 mil artigos com maior relevância e destaque. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	10 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Women's & Gender Studies Research Network – WGSRN* é, no presente trabalho, visto como uma fonte de informação dedicada à criação de ferramentas que aprimoram o fluxo de trabalho e a produtividade de pesquisadoras negras femininas. Os temas são variados e voltam-se para refletir sobre gênero e, também, a luta por direitos igualitários de mulheres africanas.

Quadro 4. Biografia de Mulheres Africanas - UFRGS

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Biografia de Mulheres Africanas – UFRGS
2 - Identificação do responsável	José Rivair Macedo; Thuila Farias Ferreira – Coordenação Geral
3 – Conteúdo	O trabalho é resultante de um projeto de iniciação científica desenvolvido por estudantes de graduação e pós-graduação, registrados no CNPq, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: proj.mulheresafricanas@gmail.com
5 - Início da produção	2018.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.ufrgs.br/africanas/">https://www.ufrgs.br/africanas/</a>
7 - Número de registros	Variado. Compostos por documentos históricos e produções atuais de autoras africanas.
8 - Cobertura tópica	Estudos genderizados
9 - Cobertura geográfica	África e diáspora. Informa dados essenciais relacionados à vida de 552 mulheres nascidas no território africano e na diáspora.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 4 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Disponibiliza, em língua portuguesa, mecanismo de buscar por palavras-chave, localização geográfica, gênese africana, entre outras possibilidades. Ademais, disponibiliza índice alfabético e listagem das principais referências que suportaram a criação do acervo.
13 - Outras observações	Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	10 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *Biografia de Mulheres Africanas – UFRGS* resulta da criação de um projeto de iniciação científica, com a finalidade de tornar visíveis as informações sobre a vida do maior número possível de mulheres nascidas no continente africano, em diferentes tempos, de modo a oferecer subsídios de ensino e pesquisa sobre a história dessas mulheres africanas em todos os níveis de educação, em língua portuguesa.

### 3.2 Categoria 02 – Fontes de Informação em Literatura Afro-Brasileira e Epistemologias Negras

Na categoria 02, foram encontradas 05 fontes contendo informações sobre Literatura Afro-Brasileira e Epistemologias Negras, construídas para evidenciar e potencializar a visibilidade do conhecimento elaborado por pesquisadores/as negro/as e, também, de escritores/as da diáspora negra, notadamente afro-brasileiros/as.

Quadro 5. Literafro – NEIA - UFMG

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Literafro – NEIA – UFMG - Portal da Literatura Afro-Brasileira
2 - Identificação do responsável	Eduardo de Assis Duarte – Coordenador
3 – Conteúdo	Produção literária de afro-brasileiros, divulgação de textos sobre esses autores, suas obras e textos da crítica (TANUS, 2018, p. 99).

4 - Aquisição	Dados do Responsável: Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade – NEIA. Faculdade de Letras da UFMG, sala 3045. Av. Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha. 31270-901 Belo Horizonte – MG. Fone: (31) 3409-6069 E-mail: <a href="mailto:literafro@letras.ufmg.br">literafro@letras.ufmg.br</a>
5 - Início da produção	2001.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="http://www.letras.ufmg.br/literafro">http://www.letras.ufmg.br/literafro</a>
7 - Número de registros	Variado. Compostos por livros, artigos teórico-conceituais e de crítica literária, resenhas e eventos que discutem e trabalham com a temática de africanidades e afro-brasilidades.
8 - Cobertura tópica	Literatura afro-brasileira.
9 - Cobertura geográfica	Brasil e países da diáspora negra.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 20 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Disponibiliza também publicações voltadas para o público infanto-juvenil. Além de artigos críticos e conceituais, entrevistas com os autores, lista de links relacionados ao escopo do trabalho.
13 - Outras observações	Em língua portuguesa. Está presente nas mídias sociais <i>Facebook</i> , <i>Twitter</i> , <i>Youtube</i> e apresenta um programa na TV Universitária da UFMG. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	15 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *Literafro* - NEIA – UFMG resulta do grupo Interinstitucional de Pesquisa Afrodescendências na Literatura Brasileira, constituído em 2001 e sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da Faculdade de Letras da UFMG. A página é bem completa quanto a sua arquitetura e organização. Em dezembro de 2020 foi inserida nova aba no Portal Literafro, denominada “LiterÁfricas”, sobre responsabilidade do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED), coordenado pela pesquisadora Maria Nazareth Soares Fonseca<sup>15</sup>.

<sup>15</sup> “Em 2020, o GEED assumiu a Aba – LiterÁfricas, no portal do Literafro administrado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA), da FALE/UFMG. Nesse novo local de atuação, o GEED se responsabilizará pela postagem de textos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, em particular, e sobre outras literaturas do continente africano, bem como sobre obras de autores e autoras afrodescendentes, oriundos de diferentes países, procurando não interferir nos objetivos do Literafro, que é responsável pela publicação de textos críticos sobre a literatura afro-brasileira. Devido ao forte vínculo do GEED com as literaturas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, optou-se por postar na Aba/Seção LiterÁfricas, a partir de 2021, textos mais gerais sobre a história das literaturas africanas escritas em português, bem como artigos específicos sobre autores e autoras dessas literaturas. Serão também postados textos críticos de autoria dos integrantes do GEED, já publicados em periódicos nacionais e estrangeiros sobre os temas e questões discutidos pelos pesquisadores. Com o propósito de oferecer *on-line* textos que auxiliem estudantes e pesquisadores das literaturas africanas de língua portuguesa, mas também das literaturas do continente africano escritas em inglês e francês, a aba LiterÁfricas procurará produzir e divulgar as pesquisas que expressam a seriedade e o entusiasmo que fomentam as várias atividades do GEED ao longo de sua trajetória” (FONSECA; ALVES; CARVALHO, 2021). Para saber mais sobre a primeira década de trabalho do GEED ver (FONSECA, 2020) e, também, (ALVES; CARVALHO, 2020).

Quadro 6. Quilombo Intelectual

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Quilombo Intelectual - Página do <i>Facebook</i>
2 - Identificação do responsável	Propriedade intelectual, marca e conceito de Franciéle Carneiro Garcês da Silva.
3 – Conteúdo	Fornecer informações científicas (artigos, teses, dissertações, livros) com os temas da população negra, LGBTQI+, indígenas e direitos humanos.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:quilombointelectual@gmail.com">quilombointelectual@gmail.com</a>
5 - Início da produção	2018.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.facebook.com/quilombointelectual/?ref=page_internal">https://www.facebook.com/quilombointelectual/?ref=page_internal</a>
7 - Número de registros	Variado.
8 - Cobertura tópica	Epistemologias negras.
9 - Cobertura geográfica	Brasil e países da diáspora negra.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 03 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em fevereiro de 2021.
12 - Serviços relacionados	Publicações sobre eventos, <i>lives</i> e materiais relacionados à produção intelectual em africanidades.
13 - Outras observações	Possui uma diversidade de informações, além de divulgação de palestras e <i>lives</i> que podem ser acompanhadas também pelo canal do <i>Youtube</i> e <i>Instagram</i> . Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	15 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Quilombo Intelectual* reúne e divulga teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso, além de *lives*, documentários e palestras com objetivo de fornecer informações sobre a população negra, LGBTQI+, indígenas e direitos humanos, em sua página do *FaceBook*. É uma fonte de informação bem relevante e estratégica para a ação de libertar “sujeitos das amarras do pensamento colonial, a partir do momento em que evidencia o pensamento negro-afrodiaspórico e combate ao epistemicídio promovido no meio acadêmico intelectual” (SILVA; GARCEZ; ALMEIDA, 2020, p. 399). Está em fase de finalização um sítio eletrônico que pode ser acessado em [www.facebook.com/quilombointelectual](http://www.facebook.com/quilombointelectual).

Quadro 7. IdentidÁfrica - Biblioteca Virtual de Literatura Afro e Afins

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	IdentidÁfrica - Biblioteca Virtual de Literatura Afro e Afins
2 - Identificação do responsável	Renata Miranda dos Santos – Coordenadora
3 – Conteúdo	Material de apoio didático literário voltado para a temática de africanidade e afins, com <i>downloads</i> gratuitos para professores, alunos e interessados.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: possui forma de contato do tipo “chat”.
5 - Início da produção	2010.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica">https://rmirandas.wixsite.com/identidafrica</a>
7 - Número de registros	Variado.
8 - Cobertura tópica	Epistemologias negras e culturas africanas.
9 - Cobertura geográfica	Brasil e países africanos de língua portuguesa, francesa e espanhola, bem como, outros espaços da diáspora negra.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 11 anos.

11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	A biblioteca faz a indexação da Revista <i>Òkòtóna</i> a qual apresenta em seus artigos vários temas relacionados ao fortalecimento das culturas africanas.
13 - Outras observações	O site possui uma diversidade significativa de obras, livros, informações, imagens e documentários. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	15 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *IdentidÁfrica* disponibiliza várias informações e documentos em seu acervo, abrangendo aspectos das culturas africanas que vão de estudos referentes a alimentação, artes, empoderamento feminino, cultura etc. Possui parceria com países africanos e europeus.

Quadro 8. Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as - ABPN
2 - Identificação do responsável	Cleber Santos Viera e Silvani Valentim
3 - Conteúdo	Disponibiliza ferramentas informacionais para subsidiar o combate ao racismo, ao preconceito e a discriminação racial.
4 - Aquisição	Dados do Responsável: <i>WhatsApp</i> : (34) 92000-8172 <i>E-mail</i> : contatoabpn@gmail.com
5 - Início da produção	2000.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.abpn.org.br/">https://www.abpn.org.br/</a>
7 - Número de registros	Possui vários documentos, inclusive os anais de todas as edições do Congresso Nacional de Pesquisadores Negros/as.
8 - Cobertura tópica	Epistemologias negras.
9 - Cobertura geográfica	Brasil, América Latina e outros povos da diáspora negra.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 21 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Apresenta informações sobre enfrentamento ao racismo, cultura, diáspora africana, empoderamento da mulher negra, lutas LGBTQ+ e etc. A ABPN editora a <i>Revista ABPN</i> .
13 - Outras observações	O site possui uma diversidade grande de documentos, anais, <i>Revista ABPN</i> e vídeos. Disponibiliza uma amplitude de informações sobre a Rede Nacional de Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (CONEABS). Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	15 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN*, aqui entendida enquanto uma fonte de informação especializada, objetiva o desenvolvimento de pesquisa acadêmico-científica e/ou espaços afins, realizada prioritariamente por pesquisadores/as negros/as, sobre temas de interesse direto das populações negras no Brasil e de todos os demais temas pertinentes à construção e à ampliação do conhecimento humano.

Quadro 9. Educação Étnico-Racial

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Educação Étnico-Racial
2 - Identificação do responsável	Germano de Oliveira Menezes e Natalino da Silva de Oliveira
3 - Conteúdo	Subsídios para discutir e combater o racismo demonstrando

	possibilidades metodológicas de promover uma reeducação para as relações étnico-raciais tanto nas disciplinas básicas quanto na área técnica dos cursos de ensino médio integrado do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: E-mail: germanomenezes@yahoo.com.br
5 - Início da produção	2020.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.educacaoetnicoracial.com.br/">https://www.educacaoetnicoracial.com.br/</a>
7 - Número de registros	Diverso.
8 - Cobertura tópica	História e vida cotidiana. Forte caráter multidisciplinar.
9 - Cobertura geográfica	Brasil e espaços da diáspora africana.
10 - Tempo de cobertura	01 ano.
11 - Frequência de atualização	Sua última atualização foi em 2020.
12 - Serviços relacionados	Visa colaborar com o cumprimento da Lei 10.639/03 que inclui na rede de ensino a presença da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
13 - Outras observações	Acesso livre. Permite a colaboração de interessados em atuar como parceiros na função de professor colaborador.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A fonte *Educação Étnico-Racial* é fruto do mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica de Germano de Oliveira Menezes (2020), desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Natalino da Silva de Oliveira, que objetivou verificar qual educação para as relações étnico-raciais é promovida nos cursos técnicos do IF Sudeste de MG, explicitando o olhar de professores de história, bem como, realizando análise de conteúdo dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de duas unidades daquela instituição. Funciona como um repositório de conteúdo digital, disponibilizando material didático que auxilia na elaboração de novas práticas pedagógicas que permitam a promoção de uma educação para as relações étnico-raciais e, por conseguinte, tragam informações sobre a história e cultura africana e afro-brasileira.

| 15

### 3.3 Categoria 03 – Fontes de Informação em Ciências Agrárias

Na categoria 03, foram identificadas 02 fontes contendo informações sobre Ciências Agrárias. Essas fontes disponibilizam conhecimento para o desenvolvimento agrícola e de áreas correlatas.

Quadro 10. Sam Moyo African Institute of Agrarian Studies – SMAIAS

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Sam Moyo African Institute of Agrarian Studies - SMAIAS
2 - Identificação do responsável	Dr. Walter Chambati – Diretor Executivo
3 – Conteúdo	Debate informado e relevante sobre as questões da terra e da política agrária em África.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: E-mail: research@aiatrust.org (242) 795751
5 - Início da produção	2002.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="http://aiatrust.org/research-training/">http://aiatrust.org/research-training/</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por publicações diversas como artigos, livros, boletins, monografias e pesquisas em andamento.
8 - Cobertura tópica	Ciências agrárias.

9 - Cobertura geográfica	Zimbábue e outros espaços do continente africano.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 19 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	O <i>site</i> oferece cursos de longa duração e treinamento para o público que trabalha e/ou tem interesse no campo agrário.
13 - Outras observações	O Instituto possui parcerias com centros de pesquisa agrária da África do Sul. <i>Site</i> em inglês. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	16 de fevereiro de 2020.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Sam Moyo African Institute of Agrarian Studies – SMAIAS*, fornece uma análise relevante e rigorosa, apoiada por uma investigação empírica nas diferentes dimensões das questões sociais da produção de alimento. Destaca-se o investimento em movimento de pesquisa que acarreta a formulação de caminhos para enfrentamento de conflitos latifundiários. Cobre, também, as áreas do meio ambiente, mudanças climáticas, saúde e bem estar, ciências naturais, política e governança e ciências sociais e humanidades.

Quadro 11. African Academy of Science - AAS

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	African Academy of Sciences – AAS
2 - Identificação do responsável	Aderemi Kuku – Presidente
3 – Conteúdo	Disponibiliza publicações relacionadas à políticas de inovação tecnológica, científica e política da África.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:aas@aasciences.org">aas@aasciences.org</a> +254 20 240 5150
5 - Início da produção	1985.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="http://www.aasciences.org/">http://www.aasciences.org/</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por documentos e projetos voltados para o desenvolvimento da produção científica de alimentos.
8 - Cobertura tópica	Ciências agrárias.
9 - Cobertura geográfica	Quênia e outros países do continente Africano.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 36 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Possui um jornal acadêmico voltado ao desenvolvimento agrário no continente.
13 - Outras observações	Site em língua inglesa. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	16 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *African Academy of Science – AAS* coloca em perspectiva o melhoramento e desenvolvimento do solo para a produção de alimentos no continente africano, através de intensa elaboração e divulgação de publicações sobre essa temática.

### 3.4 Categoria 04 – Fontes de Informação em Cultura, História, Memória e Filosofia

Na categoria 04, foram agrupadas 05 fontes contendo produção de conhecimento nas áreas da Cultura, História, Memória e Filosofia. De natureza e pertencimento geográfico



distintos, os artefatos informacionais adiante apresentados vinculam-se aos estados brasileiros de Bahia e São Paulo e, também, de Gana, nação africana e dos Estados Unidos.

**Quadro 12.** Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira
2 - Identificação do responsável	Prof. Dr. Livio Sansone; Profa. Dra. Jamile Borges – Coordenação
3 – Conteúdo	Cópia de documentos por <i>internet</i> , reunindo num só acervo documental digital, os fundos de arquivos relativos aos estudos afro-brasileiros, em primeiro lugar, afro-baianos, e os estudos africanos hoje dispersos em várias instituições e coleções privadas, no Brasil e no exterior.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:afrodigital@ufba.br">afrodigital@ufba.br</a> /55 71 3283 – 5509
5 - Início da produção	2016.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://museuafrodigital.ufba.br/">https://museuafrodigital.ufba.br/</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por cópias de documentos que fazem parte do contexto histórico relativos aos estudos africanos e afro-brasileiros.
8- Cobertura tópica	História da África e da diáspora negra.
9 - Cobertura geográfica	Bahia – Brasil e espaços da diáspora negra <sup>16</sup> .
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 5 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Possui também um acervo contemporâneo. Disponibiliza publicações históricas, fotografias, exposições, eventos. Acesso livre.
13 - Outras observações	Possui parceria com a Universidade Federal da Bahia. As exposições podem ser conferidas no <i>site</i> através de vídeos explicativos.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira* é uma fonte de informação com o propósito de disponibilizar cópias de documentos reunidos num acervo digital, preservando e conservando a história africana e afro-brasileira, promovendo o reconhecimento da importância desse patrimônio cultural. Possui parceria com a UFBA e disponibiliza assuntos relacionados à publicação da memória e história africana e afro-brasileira.

**Quadro 13.** African Newspapers

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	African Newspapers
2 - Identificação do responsável	Francis Alba – Coordenadora Geral

<sup>16</sup> A noção de espaços da diáspora é tomada de empréstimo de Avtar Brah, socióloga ugandense-britânica, na obra em que discute as cartografias diaspóricas (2011). Esse seria um espaço “imane e minoritário, no sentido intensivo e não quantitativo. [...] Em outras palavras, o conceito de espaço de diáspora contém genealogias de dispersão emaranhadas àqueles que tendem a *ficar onde estão*. Ou seja, é o espaço dos que estão e dos que vieram; não mais a ideia de pátria (idealizada e homogênea), mas sim a de lugar, que não tem necessariamente a ver com a pátria. Trata-se de uma inflexão territorial e temporal (em uma concepção de tempo que junta a história dos que vieram com a daqueles que já estão) operada pelos coletivos sociais a partir da racialização, do gênero, da sexualidade e da etnia” (RODRIGUES; ABRAMOWICZ, 2013, p. 28).

3 – Conteúdo	É o segundo módulo de coleção do <i>World Newspaper Archive</i> , produzido pela CRL em parceria com a <i>Readex</i> , uma divisão do <i>NewsBank</i> . Esta coleção fornece acesso a mais de 40 títulos de jornais africanos totalmente pesquisáveis.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: E-mail: <a href="mailto:wna@crl.edu">wna@crl.edu</a>
5 - Início da produção	1949.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.readex.com/products">https://www.readex.com/products</a>
7 - Número de registros	Variado.
8 - Cobertura tópica	História e vida cotidiana de distintos espaços do continente africano.
9 - Cobertura geográfica	Títulos de Gana, Quênia, Lesoto, Malawi, Moçambique, Namíbia, Nigéria, África do Sul, Uganda e Zimbábue.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 72 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Possui uma coleção de documentos com vários recortes temporais e facetas históricas diversas.
13 - Outras observações	Site em inglês. Está presente no <i>Youtube</i> , <i>Facebook</i> e <i>Twitter</i> . Acesso mediante assinatura.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *African Newspapers* é uma fonte de informação cujo objetivo é reunir e fornecer acesso a vários títulos de jornais que trazem aspectos da história e memória de vários países africanos, em um acervo digital. São coleções importantes e cuidadosamente selecionadas de fontes primárias pensadas com a temática das africanidades. É possível visualizar alguns recortes dos jornais sem ser assinante, porém, para ter contato com toda a documentação é necessário pagamento.

Quadro 14. Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Gana

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	University of Ghana – Institute of African Studies
2 - Identificação do responsável	Professora Dzodzi Tsikata – Diretora
3 – Conteúdo	Documentos, artigos, arquivos históricos, informações culturais e históricas.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: Telefone: + 233-302-213850/+ 233-303-213820/ E-mail: <a href="mailto:iasgen@ug.edu.gh">iasgen@ug.edu.gh</a>
5 - Início da produção	1961.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://ias.ug.edu.gh/content/about-ias">https://ias.ug.edu.gh/content/about-ias</a>
7 - Número de registros	Variado.
8 - Cobertura tópica	Filosofia e história de Gana e outros espaços de interlocução.
9 - Cobertura geográfica	Gana.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 60 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Editora a Revista <i>Contemporary Journal of African Studies</i> (CJAS).
13 - Outras observações	O site possui uma aba/guia voltada para a temática feminina em África. Site em inglês. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Gana* aqui considerado uma fonte de informação, de responsabilidade da Universidade de Gana, reúne e facilita o acesso, gratuito,

a vasto conjunto documental de cunho histórico, inclusive de questões relacionadas ao território africano, bem como, ao território e sociedade daquele país e suas relações com outros espaços africanos e do restante do mundo.

Quadro 15. Filosofia Africana – UNB

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Filosofia Africana - UNB
2 - Identificação do responsável	Prof. <u>Wanderson Flor do Nascimento</u> - Universidade de Brasília.
3 – Conteúdo	Fornece acesso às colaborações entre os estudos das africanidades e o ensino de filosofia.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <u>wandersonflor@hotmail.com</u>
5 - Início da produção	2015.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://filosofia-africana.weebly.com/">https://filosofia-africana.weebly.com/</a>
7 - Número de registros	Possui mais de 150 documentos africanos que tratam de temas da África, da diáspora africana, além de vídeos com palestras e diálogos sobre africanidades.
8 - Cobertura tópica	Filosofia.
9 - Cobertura geográfica	África e estudos da diáspora.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 06 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Apresenta informações sobre política, economia e empoderamento cultural.
13 - Outras observações	O site é registrado através do grupo de pesquisa GEPERGES no CNPq. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A fonte *Filosofia Africana – UNB* objetiva fornecer acesso a textos de filósofos africanos, além de reflexões sobre a filosofia africana gestadas em outros lugares do mundo, sendo de grande valia para desconstruir ilações sobre a não existência desse campo do saber no continente africano.

Quadro 16. Associação Brasileira de Estudos Africanos - AbeÁfrica

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Associação Brasileira de Estudos Africanos - AbeÁfrica
2 - Identificação do responsável	Carlos Francisco da Silva Jr.
3 – Conteúdo	Informação sobre eventos de interessa da área abrangida, Revista, links úteis, listagem de filiados.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <u>abeafrica1@gmail.com</u>
5 - Início da produção	2014.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.abeafrica.com/">https://www.abeafrica.com/</a>
7 - Número de registros	Diverso. Composto por documentos e artigos.
8 - Cobertura tópica	Filosofia, história e estudos da diáspora. Caráter multidisciplinar.
9 - Cobertura geográfica	África e estudos da diáspora africana.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 07 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Editora a <i>Revista Abe-África</i> .
13 - Outras observações	Presente nas mídias sociais <i>Facebook</i> , <i>Instagram</i> e <i>Youtube</i> . Acesso livre. Aberta a todos os estudiosos sobre o continente africano, de quaisquer disciplinas acadêmicas e/ou interesses

	profissionais.
14 - Data da coleta de dados	17 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A fonte *Associação Brasileira de Estudos Africanos – AbeÁfrica* evidencia o crescimento do campo de trabalho e de estudos africanos e afro-brasileiros, nos aspectos relacionados às políticas públicas e aos movimentos sociais de afirmação da identidade e dos valores históricos da população afrodescendente no Brasil, suas relações com o continente africano e com a luta contra o racismo e outras formas de discriminação.

### 3.5 Categoria 05 – Fontes de Informação em Ciências Sociais

Na categoria 05, foram agrupadas 08 fontes contendo informações sobre Ciências Sociais, fornecidas por grupos de pesquisa, agentes elaboradores de políticas públicas e áreas correlatas.

Quadro 17. Forum for Social Studies - FSS

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Forum for Social Studies – FSS
2 - Identificação do responsável	Dr. Alula Pankhurs – presidente
3 – Conteúdo	Pesquisas em andamento e concluídas no campo da ciência política e políticas públicas para o desenvolvimento.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: PO Box 25864 Código 1000/Addis/ Abeba, Etiópia/ Tel (+251) -11-1545605 / 06/ E-mail: <a href="mailto:fss@ethionet.et">fss@ethionet.et</a>
5 - Início da produção	1998.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.fssethiopia.org/index.php/about-us/">https://www.fssethiopia.org/index.php/about-us/</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por publicações diversas e coleções presentes na biblioteca.
8 - Cobertura tópica	Ciência política.
9 - Cobertura geográfica	Etiópia.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 23 anos.
11 - Frequência de atualização	Frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	O site possui biblioteca, além de artigos e cursos.
13 - Outras observações	Está presente no rádio e na TV aberta da Etiópia. O site é em idioma amárico e em inglês. Apresenta vídeos e documentários. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Forum for Social Studies – FSS* é uma instituição independente e sem fins lucrativos dedicada à pesquisa social para o desenvolvimento e a democratização do espaço político local. Destaca-se o caráter bilíngue dos conteúdos: amárico e inglês.

Quadro 18. Arquivo/Biblioteca do INEP – Guiné-Bissau

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Arquivo/Biblioteca do INEP – Guiné-Bissau.

2 - Identificação do responsável	João Paulo Pinto Có.
3 – Conteúdo	Objetiva promover os estudos e pesquisas no domínio das ciências sociais e naturais relacionados com os problemas de desenvolvimento do país e para a valorização dos recursos humanos locais.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:inep.dg.bissau@gmail.com">inep.dg.bissau@gmail.com</a> Telefone: (245) 3 25 11 25
5 - Início da produção	1984.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="http://inep.gw">http://inep.gw</a>
7 - Número de registros	Possui informações em diversos suportes, tais como, documentos e artigos.
8 - Cobertura tópica	Ciências sociais, história, literatura, geografia e áreas correlatas.
9 - Cobertura geográfica	Guiné-Bissau.
10 - Tempo de cobertura	Ativo há 37 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Apresenta informações para enfrentamento dos problemas de desenvolvimento econômico e político da Guiné-Bissau. Disponibiliza, em formato eletrônico, acesso a algumas publicações editadas pela editora no INEP, como, por exemplo, o periódico <i>Soronda</i> .
13 - Outras observações	O <i>site</i> possui uma diversidade documental que envolve parcerias, projetos, arquivos, imagens etc. <i>Site</i> em língua portuguesa. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Arquivo/Biblioteca do INEP – Guiné-Bissau* cumpre a função de ser a Biblioteca Nacional Guineense. O Instituto apresenta um conjunto de informações documental bastante diversificada. Vale registrar que o Instituto, na sede em Bissau, “no piso superior da Biblioteca [mantém] uma seção de acervo dedicada a reunir, tratar, preservar e franquear acesso a publicações das mais variadas tipologias, que tomam como substrato de reflexão facetas do que se poderia denominar “guineidades”” (CARVALHO, 2019, p. 162).

Quadro 19. Council for the Development of Social Science Research in Africa – CODESRIA

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Council for the Development of Social Science Research in Africa – CODESRIA
2 - Identificação do responsável	Isabel Casimiro (Presidenta) - Rokhaya Fall (Vice-Presidente).
3 – Conteúdo	Foco, principalmente, na pesquisa em ciências sociais na África.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: Avenida Cheikh Anta Diop X Canal IV/BP 3304, CP 18524, Dakar, Senegal/Telefone: (221) 33 825 98 22/Fax: (221) 33 824 12 89
5 - Início da produção	1973.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.codesria.org/spip.php?lang=en">https://www.codesria.org/spip.php?lang=en</a>
7 - Número de registros	Possui uma variedade de documentos composta por artigos, anais de eventos, projetos e um acervo bem vasto sobre ciências sociais.
8 - Cobertura tópica	Ciências sociais.
9 - Cobertura geográfica	Senegal, países africanos e países da Europa que são parceiros do Codesria como: Holanda, Dinamarca, Gana, África do Sul, Moçambique e etc.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 48 anos.

11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Acesso livre. Disponibiliza extensa lista de publicações monográficas em texto completo, inclusive catálogo de teses e dissertações.
13 - Outras observações	Site em inglês.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Council for the Development of Social Science Research in Africa – CODESRIA* é uma fonte com interface amigável em termos de arquitetura e *layout*, além disso, tem como objetivo principal a pesquisa em Ciências Sociais na África. É reconhecida não apenas como a organização de pesquisa social africana pioneira, mas também como o centro não-governamental de ponta na produção de conhecimento social no continente.

Quadro 20. Southern East African Social Science Research Organization – OSSREA

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Southern East African Social Science Research Organization - OSSREA
2 - Identificação do responsável	Professor Kiano Lukcson – Presidente
3 – Conteúdo	Informações relacionados ao desenvolvimento social das regiões da África Austral e da África Oriental Meridional.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: E-mail: <a href="mailto:info@ossrea.net">info@ossrea.net</a> Site: <a href="http://www.ossrea.net">www.ossrea.net</a> /Tel: + 251-1-11239484/Fax: + 251-1-11223921
5 - Início da produção	1980.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.ossrea.net/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=456&amp;Itemid=771">https://www.ossrea.net/index.php?option=com_content&amp;view=article&amp;id=456&amp;Itemid=771</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por documentos e artigos.
8 - Cobertura tópica	Ciências sociais.
9 - Cobertura geográfica	Região da África Austral e da África Oriental Meridional.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 40 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	O <i>site</i> disponibiliza anais de eventos, livros, artigos, vídeos e os projetos em andamento e que já ocorreram em cada região.
13 - Outras observações	OSSREA não apenas se envolve em pesquisa interdisciplinar, mas também fornece bolsas de pesquisa para acadêmicos juniores e seniores baseados na região. Site em inglês. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *Southern East African Social Science Research Organization - OSSREA* é uma fonte de informação que disponibiliza uma gama de materiais, tais como artigos, anais de eventos, palestras e os projetos que já ocorreram ou estão ativos e em execução. O objetivo da instituição é a pesquisa e a capacitação de seus membros e apoiada por doadores, cuja missão é promover o diálogo e a interação entre pesquisadores e formuladores de políticas na África Oriental e Austral, com vistas ao seu desenvolvimento.

Quadro 21. Associação Angolana de Ciência Política – AACP

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Associação Angolana de Ciência Política – AACP
2 - Identificação do responsável	Cândido Oliveira Martins – presidente
3 – Conteúdo	Estudos políticos sociais e humanísticos de Angola.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: <a href="mailto:info@plataformag.com">info@plataformag.com</a>
5 - Início da produção	1996.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://plataformag.com/congressos/evento-da-associao-angola-na-de-ciencia-politica.htm">https://plataformag.com/congressos/evento-da-associao-angola-na-de-ciencia-politica.htm</a>
7 - Número de registros	Variado. Disponibiliza anais de eventos e congressos científicos relacionados aos estudos políticos sociais e humanidades.
8 - Cobertura tópica	Ciências políticas.
9 - Cobertura geográfica	África, Ásia, América Latina e do Norte.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 25 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Possui parcerias com a <i>Revista Brasileiras de Estudos Presença</i> e vínculo agência de fomento de bolsas de estudos dos Estados Unidos.
13 - Outras observações	Acesso livre. Site em português. A página possui um número alto de acessos de usuários de vários continentes como: África, Ásia, América Latina e do Norte.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A Associação Angolana de Ciência Política - AACP é, neste trabalho, considerada uma fonte de informação que divulga trabalhos e estudos políticos sociais e humanísticos de Angola.

| 23

Quadro 22. United Nations Integrated Peacebuilding Office in Guinea-Bissau - UNIOGBIS

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	United Nations Integrated Peacebuilding Office in Guinea-Bissau – UNIOGBIS
2 - Identificação do responsável	<a href="#">Rosine Sori-Coulibaly</a> - Secretária Geral
3 – Conteúdo	Estudos voltados para as pesquisas sobre paz e direitos humanos na Guiné-Bissau.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: E-mail: <a href="mailto:alhinho@un.org">alhinho@un.org</a> /Escritório: +390831059000/Ext: 193 6124/Cel: +245 6136045
5 - Início da produção	2006.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://uniogbis.unmissions.org/en">https://uniogbis.unmissions.org/en</a>
7 - Número de registros	Variado.
8 - Cobertura tópica	Ciências sociais.
9 - Cobertura geográfica	Guiné-Bissau.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 21 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	Disponibiliza vídeos, documentários, fotos e etc.
13 - Outras observações	Site em inglês. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *United Nations Integrated Peacebuilding Office in Guiné-Bissau – UNIOGBIS* é uma instituição independente e sem fins lucrativos focada em maximizar o impacto individual e coletivo das ações da ONU, concentrando-se nas atividades necessárias para a consolidação da paz. Possui algumas subdivisões temáticas: (1) Seção de Assuntos Políticos; (2) Seção de Estado de Direito e Instituições de Segurança; (3) Seção de Direitos Humanos e Gênero e, que também representa o Escritório do Alto Comissariado para os Direitos Humanos (OHCHR) e, por fim, (4) Unidade de Informação da Unidade Pública.

Quadro 23. African Political Science Association – APSA – JSTOR

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	African Political Science Association – APSA – JSTOR
2 - Identificação do responsável	William G. Bowen – presidente
3 – Conteúdo	Estudo e a aplicação da ciência política na e sobre a África.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: Heidi McGregor/VP, Comunicações (212) -358-6406/ <a href="mailto:heidi.mcgregor@ithaka.org">heidi.mcgregor@ithaka.org</a>
5 - Início da produção	1973.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://www.jstor.org/?refreqid=pub-view%3A3afd48bc95e8eb663fd771cdfbcbf5e2">https://www.jstor.org/?refreqid=pub-view%3A3afd48bc95e8eb663fd771cdfbcbf5e2</a>
7 - Número de registros	Variado. Composto por publicações diversas como artigos, livros, boletins, monografias e pesquisas em andamento.
8 - Cobertura tópica	Ciências políticas.
9 - Cobertura geográfica	Tanzânia.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 48 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	O site possui janelas de busca simples, busca avançada e por assunto. Apresenta coleções históricas como livros e recortes de jornais do país sobre ciências políticas.
13 - Outras observações	Presente nas mídias sociais como <i>Instagram</i> , <i>Facebook</i> , <i>Twitter</i> , <i>Youtube</i> e <i>Linkedin</i> . Site em inglês. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

A *African Political Science Association – APSA – JSTOR* é uma organização panafricana de acadêmicos cujo objetivo é promover o estudo e a aplicação da ciência política na e sobre a África. Está aberta a "acadêmicos" de ascendência africana especializados em ciências políticas, políticas públicas e disciplinas relacionadas. Acolhe estudantes e admite acadêmicos de ascendência não africana e instituições como membros associados e corporativos, respectivamente.

Quadro 24. Center for Basic Research – CBR

CRITÉRIOS	DESCRIÇÃO
1 - Nome da base de dados	Center for Basic Research - CBR
2 - Identificação do responsável	Kingline Press – Coordenador
3 – Conteúdo	É um centro de pesquisa independente líder em Uganda, estabelecido em 1987 como um fundo educacional e subsequentemente registrado, em 1988, como uma ONG.
4 – Aquisição	Dados do Responsável: +256704-342987/Cbr.uganda@gmail.com
5 - Início da produção	1987.
6 - Forma de disponibilização	Disponível em: <a href="https://cbr.ug/2020/07/31/collaborations/">https://cbr.ug/2020/07/31/collaborations/</a>



7 - Número de registros	Variado. Composto por publicações diversas e coleções presentes na biblioteca.
8 - Cobertura tópica	Ciências sociais.
9 - Cobertura geográfica	Uganda e Senegal.
10 - Tempo de cobertura	Ativa há 34 anos.
11 - Frequência de atualização	Atualização frequente. Sua última atualização foi em 2021.
12 - Serviços relacionados	O site possui biblioteca, artigos e livros.
13 - Outras observações	Presente nas mídias sociais como <i>Instagram</i> , <i>Facebook</i> , <i>Twitter</i> . Site em inglês. O CBR mantém parceria com o CODESRIA e a OSSREA. Acesso livre.
14 - Data da coleta de dados	19 de fevereiro de 2021.

Fonte: Dados da pesquisa.

O *Center for Basic Research - CBR* é um instituto proeminente em Uganda, estabelecido em 1987 como um fundo educacional e, posteriormente, registrado em 1988 como uma Organização Não-Governamental (ONG). Os bolsistas do centro pesquisam diversos temas nas seguintes áreas: movimentos sociais e trabalhistas e lutas democráticas; sociedade civil e governança. O conjunto dessa produção intelectual disponibilizada no sítio eletrônico permite o seu enquadramento, no presente trabalho, enquanto uma fonte de informação especializada.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou atender ao objetivo proposto de apresentar um novo conjunto/guia de fontes de informação especializada em africanidades, além disso, deu continuidade a pesquisa iniciada em 2019 que resultou na organização do primeiro guia apresentando fontes de informação especializada em africanidades, que teve uma repercussão relevante e satisfatória tanto na esfera da Biblioteconomia e Ciência da Informação, quanto extramuros dessa comunidade.

A partir deste novo Guia de Fontes de Informação Especializada em Africanidades, descritas neste trabalho, foram organizadas e expostas fontes de informação africanas diversificadas e relevantes para estudantes, pesquisadores, especialistas e o público em geral. Portanto, na categoria 01 - **Fontes de Informação em Estudos Genderizados** foram apresentadas as fontes (*Centre for Women Studies and Intervention – CWSI*, *Women's & Gender Studies Research Network – WGSR*, e *Biografia de Mulheres Africanas – UFRGS*). Na categoria 02 - **Fontes de Informação em Literatura Afro-Brasileira e Epistemologias Negras** foram encontradas as fontes (*Literafro – NEIA – UFMG*, *Quilombo Intelectual*, *IdentidÁfrica*, *Educação Étnico-Racial* e *Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN*). Na categoria 03 - **Fontes de Informação em Ciências Agrárias** foram identificadas as fontes (*Sam Moyo African Institute of Grarian Studies – SMAIAS* e *African Academy of Science – AAS*). Na categoria 04 - **Fontes de Informação em Cultura, História, Memória e Filosofia** foram apresentadas as fontes (*Museu Afro-Digital da Memória Africana e Afro-Brasileira*, *African Newspapers*, *Instituto de Estudos Africanos da Universidade de Gana e Filosofia Africana – UNB*). Na categoria 05 - **Fontes de Informação em Ciências Sociais** foram descritas as fontes (*Forum for Social Studies – FSS*, *Arquivo/Biblioteca do INEP – Guiné-Bissau*, *Council for the Development of Social Science Research in Africa – CODESRIA*, *Southern East African Social Science Research Organization - OSSREA*, *Associação Angolana de Ciência Política – AACP*, *United Nations Integrated Peacebuilding Office in Guiné-Bissau – UNIOGBIS*, *African Political Science Association – APSA – JSTOR* e *Center for Basic Research – CBR*).

A princípio tinha-se um total de 27 possíveis fontes de informação especializadas em africanidades obtidas na etapa de levantamento, porém, no percurso metodológico de busca e descrição dos dados, foram analisadas 23 fontes, posteriormente organizadas e descritas neste trabalho. As demais não foram incluídas, pois seus endereços eletrônicos estavam indisponíveis, nas diversas tentativas de acessá-los. Isso ocorreu, por exemplo, com a *Feminist Studies Network*; a Associação das Universidades Africanas; o Centro de Estudos Sociais Avançados de Port Harcourt etc.

Cumprir registrar que esse novo conjunto de fontes apresenta artefatos construídos e mantidos pelos seguintes países do continente africano: Nigéria, Zimbábue, Quênia, Gana, Etiópia, Guiné-Bissau, Senegal, Angola, Tanzânia, Uganda e África do Sul. Além de fontes brasileiras e estadunidense. Apesar das dificuldades em localizar esse material, que exige um olhar apurado de pesquisa por caminhos não tão disseminados no espaço acadêmico e na literatura da Ciência da Informação, consolidou-se boa estratégia investigar as reflexões publicadas por africanistas. Ao ler textos produzidos por essa intelectualidade diaspórica foi possível cotejar pistas que levaram à identificação de várias das 23 fontes aqui apresentadas. Acredita-se que a persistência nessa direção acarretará ampliação do conjunto e, para tanto, o trabalho de bibliotecários, com um viés negritudista em seu movimento de pesquisa, será de grande valia.

Por fim, esse aparato informacional sobre fontes de informação especializadas em africanidades, apresentado no guia I, de 2019 e, agora, neste segundo guia, de 2021, almeja funcionar como mecanismo de visibilidade, fortalecimento e resistência epistemológica contra-hegemônica<sup>17</sup>, ao endossar o acesso de pesquisadores/ras, docentes, estudantes e demais interessados/as em conteúdos informacionais impulsionadores de construção de conhecimento de feição nova e radical.

## CRedit

**RECONHECIMENTOS:** Não é aplicável.

**FINANCIAMENTO:** Este estudo foi parcialmente financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), Código financeiro 001.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

**APROVAÇÃO ÉTICA:** Não é aplicável.

**DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAL:** Não é aplicável.

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Conceitualização, metodologia, visualização, escrita-rascunho original: CARVALHO, W. M.; REZENDE, A.; GOMES, G. M. R.

<sup>17</sup> Ao propor esse guia, articula-se um possível alinhamento ao que problematizou Cláudio Alves Furtado, sociólogo cabo-verdiano, professor da UFBA, em artigo de 2020, do qual se extrai a seguinte passagem: [...] “o conhecimento de África, num contexto sócio-histórico e político novo, ganha dinamismo fora e dentro do continente. Já não se pode dizer que é preciso conhecer para dominar, mas, antes, conhecer para melhor fundamentar as decisões políticas e de investimentos. *Mutatis mutandis*, é mudar para permanecer! Podemos, contudo, nesse processo, encontrar fissuras e interstícios no sistema de produção de conhecimento que indiciam interesses não vinculados ao sistema hegemônico. Contestações, primeiro, nos Estados Unidos da América e, depois, no Brasil, aos paradigmas teóricos que embasaram os estudos sobre as diásporas africanas e a busca da construção de um novo paradigma que possam embasar os estudos afro-americanos e afro-brasileiros têm possibilitado novos olhares, novos estudos e pesquisas sobre a África e suas múltiplas comunidades diaspóricas, não apenas nas Américas, mas também na Europa e na Ásia” (FURTADO, 2020, p. 20).

## REFERÊNCIAS

ALGARVE, Valéria Aparecida. **Cultura negra na sala de aula: pode um cantinho de africanidades elevar a autoestima de crianças negras e melhorar o relacionamento entre crianças negras e brancas?** Orientadora: Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. 2004. 271 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ALVES, Roberta Maria Ferreira; CARVALHO, Wellington Marçal de. GEED [Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas]: disseminação de afeto, olhares e sabers. *In*: ALVES, R. M. F.; CARVALHO, W. M. de. (org.) **Deslocamentos estéticos**. Florianópolis: Nyota, 2020. p. 29-68.

ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira. Sobre o Informe-CI. **Informe-CI**. [s.l.], 2021. Disponível em: [https://www.pedroandretta.info/index/?page\\_id=3585](https://www.pedroandretta.info/index/?page_id=3585). Acesso em: 20 fev. 2021.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 302 p.

BRAH, Avtar. **Cartografias de la diáspora: identidades em cuestión**. Tradução de Sergio Ojeda. Madri: Traficantes de Sueños, 2011. 297 p.

CAMPELLO, Bernadete Santos; CALDEIRA, Paulo da Terra. **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 184 p.

CARVALHO, Wellington Marçal de. Nesse angu tem mosquitos: algumas considerações sobre o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. *In*: SANTOS, V. S. et al. (org.). **Cultura, história intelectual e patrimônio na África Ocidental (séculos XV-XX)**. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. Cap. 6. p. 161-182.

CARVALHO, Wellington Marçal de; REZENDE, Angerlânia; GOMES, Gracielle Mendonça Rodrigues. Fontes de informação especializada em africanidades. **PontodeAcesso**, Salvador, v.13, n.1, p. 174-201, ago. 2019. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/30464/20054>. Acesso em: 12 out. 2020.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Bases de dados de informação para negócios no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p 17-36, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12906.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2020.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. 119 p. (Vozes da diáspora negra, 3).

CUNHA, Murilo Bastos da. **Manual de fontes de informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 182 p.

DIAGNE, Souleymane Bachir. Africanity as na open question. *In*: DIAGNE, S. B. *et al.* **Identity and beyond: rethinking africanity**. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2001. p. 19-24. Disponível em:

<https://www.worldcat.org/title/identity-and-beyond-rethinking-africanity/oclc/48839671>.

Acesso em: 03 abr. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Estéticas diaspóricas e sua força desestabilizante: mobilidades, trânsitos e ressignificações. In: ALVES, R. M. F.; CARVALHO, W. M. de. (org.). **Deslocamentos estéticos**. Florianópolis: Nyota, 2020. p. 11-28.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; ALVES, Roberta Maria Ferreira; CARVALHO, Wellington Marçal de. **Apresentação aba LiterÁfricas**. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: [www.letras.ufmg.br/literafr/literafricas](http://www.letras.ufmg.br/literafr/literafricas). Acesso em: 03 abr. 2021.

FURTADO, Cláudio Alves. Pesquisa em e sobre África no século XXI: África, africanos e africanistas. **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 4, n. 4, p. 14-36, out. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/39756> Acesso em: 28 nov. 2020.

MAFEJE, Archibald. Africanidade: uma ontologia combativa. Tradução de Paulo Ricardo Müller a partir de: MAFEJE, Archie. Africanity: a combative ontology. CODESRIA Bulletin, n. 3 & 4, 2008, pp. 106-110 [Republicado de CODESRIA Bulletin, n. 1 & 4, 2000, pp. 66-71). **AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos**, v. 3, n. 3, p. 315-326, out. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/36475> Acesso em: 20 nov.2020.

MAMA, Amina. Será ético estudar a África? considerações preliminares sobre pesquisa acadêmica e liberdade. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 604-637.

| 28

MELBER, Henning. Beyond africanity: an introduction. In: DIAGNE, S. B. *et al.* **Identity and beyond: rethinking africanity**. Uppsala: Nordiska Afrikainstitutet, 2001. p. 5-8. Disponível em: <https://www.files.ethz.ch/isn/102628/12.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

MENEZES, Germano de Oliveira. **Educação para as relações étnico-raciais**: percepção dos professores de história do ensino médio integrado do IF Sudeste MG – *campus* Muriaé e *campus* Rio Pomba. Orientador: Natalino da Silva de Oliveira. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Educação Técnica e Tecnológica) – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, Rio Pomba, 2020.

OLIVEIRA, Maria Sylvia Aparecida de. Sobre o Portal Geledés. **Portal Geledés**. [s.l.], 2021. Disponível em: [www.geledes.org.br](http://www.geledes.org.br). Acesso em: 20 fev. 2021.

RODRIGUES, Tatiane Cosentino; ABRAMOWICZ, Anete. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas práticas e pesquisas em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 15-30, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/298/29825618002.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, D. C.; ALMEIDA, B. Quilombo Intelectual e a promoção da autoria e protagonismos negros: a experiência do Momento Griôt com pessoas bibliotecárias negras. In: SILVA, F. C. G. da (org.) **Bibliotecári@s negr@s**: pesquisas e

experiências de aplicação da Lei 10.639/2003 na formação bibliotecária e nas bibliotecas. Florianópolis: Nyota, 2020. p. 381-403.

SOUZA, Paulo César Antonini de. Educar-se ao mundo: percepções acerca das africanidades. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 106, p. 149-159, mar. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/7760>. Acesso em: 20 dez. 2020.

TANUS, Gustavo. Literafro: o portal da literatura afro-brasileira e sua reconfiguração, entrevista com o idealizador do projeto, Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, p. 99-102, jan./abr. 2018.



Artigo submetido ao sistema de similaridade

| 30

Submetido em: 25/10/2021 – Aceito em: 07/12/2021 – Publicado em: 12/12/2021

---